

## DESCOMPOSTURA ERÓTICA

Louise Salomé

**Resumo:** Descompostura: momento de suspensão do ser fechado. *Compositura*, do latim, é o ato de colocar junto, numa posição adequada. A descompostura aqui é erótica enquanto encontro que desestabiliza. Eros como arrebatamento e perdição, não só união, eros como união porque arrebatamento e perdição. Experimentar a própria morte em vida, em atalho, passagem não como uma decomposição cujo fim é certo, porém como descompostura sem finalidade.

**Palavras chave:** descompostura, erotismo, Georges Bataille, gozo, Jacques Lacan

*Amar é desaparecer e encontrar a tua alma no outro.  
Alejandro Jodorowsky*

*O solitário*

*Para mim é odioso seguir e também guiar.*

*Obedecer? Não! E tampouco- governar!*

*Quem não é terrível para si,*

*a ninguém inspira terror:*

*e somente quem inspira terror é capaz de comandar.*

*Para mim já é odioso governar a mim mesmo!*

*Gosto, como os animais da floresta e do mar,*

*de por algum tempo me perder,*

*de permanecer num amável recanto a cismar,*

*e enfim me chamar pela distância,*

*seduzindo-me para voltar a mim.*

*Friedrich Wilhelm Nietzsche*

Não por acaso começamos com essas duas epígrafes. O amor de Jodorowsky: perder-se e se encontrar no outro entra em relação com o de Nietzsche no *Solitário*, perdendo-se se si mesmo no outro, no mundo, num desconhecido de si. Assim queremos introduzir esse movimento constante do erotismo: de formação e “desformação”, compostura e descompostura.

Dizer que um *ser* navega pelo rio do *não ser*, não é se se tratar de um absoluto *não ser*, nem de um absoluto *ser*, mas ambos se tocando mutuamente, se comunicando, penetrando, violando. Qual limite encontro ao tocar a pluralidade de um corpo que se oferece a mim? Isso é fundamental, pressupor necessariamente o *outro*. Podemos ser solitários mas não estamos sozinhos. Bataille colocava um paradoxo em relação ao não-saber: um não-saber que, sendo falado, implicava um saber, ou seja, positivo e negativo cada um sendo possível só “em relação” com o outro, só porque o outro existe e porque afeta intimamente, porque há dois em alguma medida isolados em si mesmos. O não-ser implica o ser como um oposto, e assim “o não-ser coloca o ser em jogo” e também o sentido contrário, o ser coloca o não ser em jogo: *experimentar* a morte em vida, todo o movimento das coisas, descompostura, reconfiguração.

Esse aspecto de penetração entre o ser e o não ser seja talvez por onde o erotismo é considerado por Bataille com tanta atenção, a violência, a violação. O encontro é a comunicação íntima, a mútua descompostura de dois seres opostos. O ser é descomposto porque ele é olhado, tocado, penetrado com uma violência abrupta pelo não ser, por aquilo que é o radical oposto do ser. Não há apenas uma passividade do ser composto, se há ser, é porque há resistência, limites, uma resistência ao não ser, e aí vem a angústia, a angústia do ser diante do não ser. Se houvesse uma completa passividade, um total aberto à violência, o erotismo não teria a ver com perdição, violação, e experiência de morte. Não se trataria de descompostura, no fim das contas. Do latim *compositura*, a compostura é o ato de colocar junto, numa posição adequada. A descompostura aqui é erótica enquanto encontro que desestabiliza. Eros como arrebatamento e perdição, não só união. A partir do instante que há um arrebatamento, uma descompostura, é que pode haver união, união, de dois, e porque não de três seres? O isolamento se mantém em alguma medida, mesmo na sua superação pela comunicação.

No livro de 1976, *Otobiografias*, Jacques Derrida vai pensar a autobiografia partindo do livro de Friedrich Nietzsche (livro que ele não queria que fosse publicado nem depois de sua morte): *Ecce Homo- Como alguém se torna o que é*. Nietzsche começa este livro falando que ao completar seus quarenta e quatro anos ele olhou para trás e olhou para frente, e nunca tinha visto tão belas coisas... “e assim eu conto a minha vida”, Nietzsche anuncia. Para Derrida essa vida, contada, é a vida do filósofo que ele inventou. E não seriam as autobiografias um fazer da vida uma obra de arte? Inventar uma vida para si, pela escrita, lembramos o que dizia a grande amada de Nietzsche, Lou Salomé: “Não te enganes, a vida vai tratar-te mal, portanto se queres uma vida, aprenda a roubá-la.”

Derrida se detém particularmente no aforisma que se chama *Da redenção* do *Zarathustra* de Nietzsche (livro inspirado em Lou Salomé), onde o filósofo alemão discorre sobre culpa e punição

Até agora, segundo ele, o espírito humano se quis vingar do que foi, e a redenção seria justamente, não apenas aceitar, mas amar e transformar todo “assim foi” em “assim eu o quis”: *amor fati*, amor ao destino, “que seja este, doravante, o meu amor!”. Amar não apenas o seu destino trágico, amar também a dor de existir enquanto destino recomeçado a cada dia. Essa torna-se a fórmula de superação do homem, do que ele vai chamar na *Gaia Ciência* de: “espírito livre”. E quando você não mais se envergonhasse de si mesmo, estaria livre. Transforma a ação sofrida passivamente em potência para uma futura ação subjetiva. Derrida vai citar uma parte do *Da redenção*:

E, quando saí da minha solidão e passei, pela primeira vez, nesta ponte, não acreditava nos meus olhos e olhei e voltei a olhar e, por fim, disse: “Isso aí é uma orelha! Uma orelha grande como um homem!” Olhei melhor: e, realmente, debaixo da orelha, movia-se alguma coisa, que dava pena, de tão pequena e grácil e mirrada. E, na verdade, a monstruosa orelha achava-se sobre um pequeno, fino caule – mas o caule era um homem! Quem pusesse uma lente diante do olho poderia, até, reconhecer ainda um pequeno rosto invejoso; e, também, que uma túmida alminha balançava no caule. O povo me disse, porém, que a grande orelha não era somente um homem, mas, sim, um gênio. Mas eu nunca acreditei no povo, quando ele falava de grandes homens – e guardei minha persuasão de que tudo aquilo era um aleijado as avessas, que tinha pouquíssimo de tudo e demais de uma só coisa. (NIETZSCHE. 2006. p. 171)

Derrida continua o texto falando sobre os estudantes sendo aqueles que “escutam”, relacionando os ouvidos, “órgãos mais expostos e abertos”, e a grande orelha de Nietzsche com o conceito de *Unheimlich* de Freud. Podemos lembrar de quando ouvimos nossa própria voz, gravada de alguma forma e repetida, é familiar enquanto nos reconhecemos ali e também estranho e assustador porque não é a mesma voz que ouvimos naquele outro instante em que falamos. Freud dedica um texto inteiro para falar do *Unheimlich*, que é traduzido como inquietante, o estranho, assustador. Algo que é estranho e ao mesmo tempo familiar.

Se fazer ouvir é uma pulsão parcial que Lacan traz em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, falando que foi uma pulsão que o próprio Freud não comentou muito. “Os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que não se pode fechar.” (LACAN 1985 p. 190). Voltamos a hipertrofia da orelha de Nietzsche. Buracos sempre abertos. Um alarme de carro toca sem parar lá fora. Os cachorros da rua inteira não param de latir, é agosto, lua cheia. Escuto uma música na rua, e ela não sai da minha cabeça. A voz da pessoa num simples oi pelo telefone, que se aproxima. E as palavras de quem está perto. Palavras sussurradas. Palavras desviadas, nomes imundos. Silêncios imperfeitos. Respiração é

som, não é palavra, como ainda escuto algum dizer? Desejo me fala, a roupa impaciente, quer cair. Assim quando acordar, posso narrar meus sonhos pra você. Dormindo ainda tens meu corpo. Lacan diz: tum tum tum faz a pulsão no coração, rom rom, o amor no ventre. Escuto. Escuto ainda a tua voz, não importa mais o que dizes, é a mim que te diriges. E quase não escuto, estas tão perto, e assim não falas e com tua voz me tocas.

Passamos direto a esse aspecto prazeroso da constante abertura da audição, mas o prazer não deixa de acompanhar um aspecto de horror, que assusta, introduzido pela orelha do Nietzsche, encarada como *Unheimlich* pelo Derrida.

Por que Nietzsche não vê no homem que carrega essa orelha monstruosa um gênio, como dizem pra ele, mas um deficiente? Por que ter uma orelha gigante, por que nunca conseguir parar de escutar é monstruoso?

O que isso por exemplo tem a ver com o Saber, Saber tudo? Por que um ser carregaria uma orelha gigante a fim de “tudo ouvir”? Que desejo é esse? Esse desejo de tudo saber finalmente? Desejo de Deus? Desejo de fim? Sintoma de cansaço? Desejo de morte? Por que esta orelha gigante tá no mesmo aforisma sobre a culpa? Uma orelha gigante para ouvir o que está fora ou dentro de nós? Uma orelha gigante que alimenta nossa culpa? A orelha não seria justamente esse limiar entre o dentro e o fora? Buracos sempre abertos.

O que isso tem a ver então com os estudantes no Derrida? Por que os estudantes são “os que escutam” e ao mesmo tempo escutar tem a ver com o *Unheimlich*?

Talvez passando por aí, por esse aspecto inquietante da orelha gigante, o aspecto monstruoso dela, e não deixando, no entanto, de ver nesse “tudo escutar” um motivo de deleite, de prazer, aproximando mesmo do erotismo (e daí essa relação constante com o estranho, esse “ter que ouvir” o *Unheimlich* a todo instante, essa penetração constante do estranho em nós, volta a colocar prazer e violência próximos..), e mesmo mais do que aproximar prazer e violência, violação: por toda essa volta retornamos ao *amor fati*, ao dizer Sim ao destino, mesmo com tudo o que ele nos apresenta de estranho... dizer Sim talvez também... à orelha gigante.

Se vemos uma ambiguidade aí mesmo nessa orelha gigante, doravante viramos a cabeça, são duas orelhas. Esse aspecto que Nietzsche dá por evocar, o desejo do absoluto, desejo de fim, fim do devir, o cansaço, a fraqueza que ele fala, em relação aos ideais, submeter-se a eles por exemplo – a orelha gigante sendo a manifestação corporal desse desejo, desejo de ouvir mais, não deixar passar um ruído. Por outro lado, tem o desejo de ouvir melhor, ou o começar a ouvir o que antes não se ouvia. Esse prazer que encontramos no escutar, com a pulsação constante dessa presença da vida, presença e transformação das

coisas, as vozes, os ruídos do mundo. E, para além desse prazer de sentir a vida, tem também o lado incômodo em relação àqueles barulhos que preferíamos evitar, mas por nos atravessarem independentemente do nosso controle, como uma violação mais escancarada mesmo, pra pensar talvez um movimento erótico constante do “nosso corpo” com o mundo, essa constante violação, penetração mútua...

A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contato: de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidência um significado único que é “eu te desejo”, e liberá-lo, alimentá-lo, ramifica-lo, fazê-lo explodir (a linguagem goza de se tocar a si mesma): por outro lado, envolvo o outro nas minhas palavras, eu o acaricio, o roço, prolongo esse roçar, me esforço em fazer durar o comentário ao qual submeto a relação. (BARTHES 1988 p. 64)

Não fazemos amor com as palavras? Com os escritores quando os escutamos? Tenho dois ouvidos. Não consigo tapar um lado para ouvir melhor o outro se a conversa que me chama atenção não é minha mas ao lado, no fundo. Se desvio minha atenção por uns instantes, não sei mais o que a pessoa que estou olhando me fala, é um ainda outro que escuto. Retorno para a minha conversa balançando a cabeça, disfarço com um aham, um sorriso, para meu interlocutor não perceber minha grosseria. Tem algo ali que prende, que faz querer ouvir outra pessoa, e não é só porque o que ela fala é interessante, tem algo na voz que toca. Um tipo de vibração do som entra no corpo e aquilo nos faz querer repetir, ouvir novamente.

Descompostura, um momento de suspensão do ser. Navegar no rio do não ser e, levado pela correnteza, pelo vento não saber mais onde se esta. Não podemos sair completamente de nós mesmos senão não mais existiríamos. Como poderíamos então experimentar a própria morte se é onde já não mais estamos? Percorrer o encontro erótico, atalho do tempo, seria experimentar a própria morte em vida, não como decomposição lenta, porém como descompostura, violenta e abruptamente, é algo de você que se vai ao reconfigurar-se, desmontar-se, não apenas como um corpo portador de um nome desfigurado em autobiografia contada, como também a desmontagem do corpo da linguagem, castelos de areia construídos no ar. Paul de Man termina seu *Autobiografia como autodesfiguração* escrevendo o seguinte:

A morte é um nome deslocado para um dilema linguístico, e a restauração da mortalidade pela autobiografia (a prosopopeia da voz e do nome) despoja e desfigura na exata medida em que restaura. A autobiografia vela uma desfiguração da mente da qual é ela mesma a causa. (MAN 2012 p.13)

A Autobiografia como desfiguração, esfacelamento, muda a ideia de que a autobiografia é apenas um gênero literário entre outros para vê-la como uma forma de entendimento da literatura, entendimento de todos os gêneros: todos os relatos são autobiográficos?

Para dar uma definição um tanto inicial e mesmo ainda aberta queremos dizer que descompostura erótica acontece nesse encontro com o estranho familiar que desestabiliza. Une sem fundir, arrebatada sem destruir. Quando o amor expande, sai dos limites de um sujeito como unidade, desfigurando-se e despejando-se em outros seres, na terra, no oceano: Bataille vai usar o exemplo do sujeito como uma onda nas águas, não mais se conter, estar fora de si. O êxtase acontece na abertura do ser e a angústia no enclausuramento – fechamento do ser sobre si mesmo. Essas ideias não são tão definidas assim, comunicam-se e podem também se confundir. Qual o segredo para transformar *a angústia em delícia*? “Ensino a arte de transformar a angústia em delícia.” (BATAILLE. 1992 p.41).”

Desdobrando essa ideia, para ir além dela, enlaçamos o transbordamento do sujeito em gramática. *Eros* como *philia*, amizade. A escrita faz escapar da prisão, seja ela feita de grades ou de corpo. O sujeito de alguma forma morre para se doar em palavras. Bataille sugere que na escrita exista um movimento de amizade, passividade diante de um estranho que toma conta, quando o perigo, mesmo assustando, não é mais evitado, e sim acolhido.

Atemo-nos um pouco a *O Erotismo* para situarmos os pensamentos de transbordamento e dessubjetivação aqui. Tais pensamentos jogam com os pares: continuidade-descontinuidade, mundo sagrado - mundo profano. O mundo profano é o mundo do trabalho, em que seguimos as regras, usamos panos para esconder a nudez dos corpos e temos um nome e um número na identidade. Socialmente, somos aquilo que somos e não podemos não ser, ou ser outros. Entre nós e o mundo tanto dos seres como a paisagem em torno, existe um limite, uma descontinuidade. Um abismo instaura-se entre um ser e outro. Separados e solitários mesmo na multidão. Por outro lado, a continuidade total só encontraremos na morte. A tentativa aqui no entanto é de pensar uma morte enquanto vida, uma morte que não acontece no corpo mas na linguagem. A morte do sujeito pela escrita, o prolongar-se além de si mesmo. Além das ilusões de uma identidade. “Seja esse oceano”, diz Nietzsche, quando ser tudo e não ser nada são a mesma coisa. No mundo sagrado o lúdico precipita-se e o sujeito não mais sendo, pode vir a ser qualquer coisa.

“Este livro é a narração de um desespero.” Georges Bataille começa a descrever seu livro no preâmbulo de *Experiência Interior*. Ele fala de seus próprios livros nos livros

mesmos. No decorrer do livro vai falando sobre a experiência de escrevê-lo:

Praticamente, cada vez que tentei escrever um livro, o cansaço vinha antes do final. Tornava-me lentamente estranho ao projeto que tinha formado. Esqueço o que me inflamava na véspera, mudando de hora em hora com uma lentidão sonolenta. Escapo-me de mim mesmo e o meu livro me escapa; ele torna-se quase inteiro como um nome esquecido: tenho preguiça de procura-lo, mas o obscuro sentimento do esquecimento me angustia. (BATAILLE 1992 p. 64)

Escrever é angustiante e desejante. Ele se angustia na preguiça de escrever mas sabe que não consegue deixar de desejar fazê-lo. Em Madame Edwarda usa o pseudônimo de Pierre Angelique e assina o prefácio como ele mesmo, Georges Bataille. Escreve o livro com outro nome e assina o prefácio de seu próprio livro como se o escritor fosse outro. Quantos nomes ele possui? Mais tarde ele vai falar que escreve para apagar seu nome.

Ainda em *Otobiografias*, Derrida traz a assinatura como um gesto performático. Antes de nascer já ganhamos um nome, ele é escolhido de acordo com o sexo e nos acompanha até depois da morte na lápide. Não temos como nos libertar dele. Os traços das letras seriam um mapa do nosso destino? Pela escrita descobrimos que tem um eu ali que nos ultrapassa, o pseudônimo é também um laço social, quando precisamos inventar e performar um nome para esse outro que surge em nós, que nós mesmos não autorizamos a usar nosso nome. Às vezes para escrever precisamos nos libertar do nosso nome.

Lord Auch foi o primeiro nome de Bataille como escritor, escrita fruto de uma tentativa de lidar com seus tormentos internos. Seu primeiro romance já seria uma autoficção. Ele usa elementos de sua infância e fatos marcantes de sua vida, que no final ele mesmo aponta, para criar toda uma narrativa erótica fantasiosa, para expurgar aquilo que o marcava, como uma ferida na alma transbordada em texto.

No fundo o escritor é antes médico. Deleuze diz: “Mais próximo de um médico do que de um doente, o escritor faz um diagnóstico, mas é o diagnóstico do mundo; segue a doença passo a passo, mas é a doença genérica do homem; avalia as possibilidades de uma saúde, mas trata-se, do nascimento eventual de um homem novo” (DELEUZE 1997p.64). A “narração de um desespero” não é o desespero de “um” homem, é “um” desespero que pertence aos homens: “um” pronome indefinido, pode ser qualquer um. O desespero de todos os homens.

Que desespero é esse que Bataille nos fala? Perder toda esperança? Estaria na impossibilidade de dizer eu ou na impossibilidade de sair de si? Entrar em si e sair de si: duas impossibilidades. Enquanto vivos permanecemos. Ele aproxima o êxtase, que é o estar fora de

si, de uma pequena morte. A pequena morte não é um morrer definitivo mas ela poderia matar o que te oprime. A erótica acontece como uma saída e um reencontro de si, no acolhimento de um desconhecido. Talvez como uma parte maldita de si mesmo que surge.

Freud citando Schelling: “*Unheimlich* é o nome de tudo que deveria ter permanecido... secreto e oculto, e veio à luz” (FREUD 2010 p227) Poderia o obscuro clarear? Talvez como um raio na treva que não podemos como um peão laçar e capturar. Um clarão que ofusca, o contorno vai desvanecendo e continuamos vendo seu brilho como uma luz que queima um pouco os olhos, assim como um resto que marca com o surgimento inesperado de um “estranho familiar”, daquilo que deveria ter ficado no escuro mas aparece.

Tateando no escuro, o olhar logo se acostuma e começa a definir espaços e volumes, linhas não tão nítidas fazem uma coisa se mesclar a outra, o iso aumenta e tudo parece granuloso, estaríamos sonhando? Tons de preto e branco ocupam o lugar das cores. O encontro com o desejo do outro é um momento de descompostura. Quando Bataille diz, no erotismo, 'eu me perco'. O outro me abre para meu próprio esquecimento de mim, como na música clássica dos anos 90 de Divinyls, *I touch myself*: “*I search myself I want you to find me, I forget myself, I want you to remind me.*” No encontro com o outro, com o limite do corpo do outro, encontro meu próprio limite e o ultrapasso quando algo ali surge que nem eu nem ele conhecíamos: o gozo.

Esqueço - mais uma vez: o sofrimento, o riso, o dedo. Ultrapassamento infinito no esquecimento, no êxtase, na indiferença a mim mesmo, a este livro: vejo o que nunca o discurso atingiu. Estou aberto, brecha escancarada, ao ininteligível céu, e tudo em mim se precipita, afina-se num último desacordo, ruptura de qualquer possível, beijo violento, rapto, perda na inteira ausência do possível, na noite opaca e morta, todavia luz, não menos incognoscível, ofuscante, que o fundo do coração. (BATAILLE 1992 p.66)

Bataille vai chamar de amizade essa abertura, acolhimento ao estranho- então passivamente me abro a um estranho e não mais me defendo dele mas quando abre suas pernas me lanço a beijar sua chaga viva! Assim como o narrador de *Madame Edwarda* beija seus lábios no meio das pernas. A escritura como uma amizade, uma passividade a um obscuro, transformaria uma defesa, que é a angústia, num desfrute: êxtase.

Pensando a escrita como gozo, repetição da perda, onde o escritor parece estar buscando de alguma forma curar sua ferida, mas é a ferida do mundo que ele reflete escrevendo. Georges Bataille escreve seu primeiro livro em 1927 durante o ano em que se submeteu à análise com Adrien Borel. Tendo o psicanalista lhe sugerido que escrevesse suas



fantasias que o atormentavam, *A História do Olho* além de desbordar essas fantasias em texto, dando corpo para um impossível, fantasia encarnada, marca o nascimento de um escritor que foi até o mais fundo de seus abismos. As questões do livro ultrapassam seus elementos autobiográficos, como, por exemplo, a cegueira e paralisia de seu pai e a morte de Granero, o toureiro. Mas conta a história de um objeto, o olho, que se estende num conto quase infantil, metamorfoseando-se em ovos, testículos... penetrando os mais diversos buracos, olhando para dentro do corpo. Ele olha, e o que é que ele vê? Talvez fossem as feridas do mundo que o escritor estaria tentando curar, quando os sintomas universais se refletem nele. Deleuze vai falar que o escritor é médico de si mesmo e do mundo, e não doente.

A literatura aparece como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro, mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem, pelos organismos e gêneros e no interior deles? (DELEUZE 1997 p. 13)

### Referências:

- BATAILLE, Georges. **A Experiência Interior**. São Paulo. Editora Atica S.A. 1992.
- \_\_\_\_\_. **História do olho**. Trad. Eliane Robert Moraes. São Paulo, Cosac Naify. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Madame Edwarda**. In: Oeuvres complètes III. Paris, Gallimard. 1981.
- \_\_\_\_\_. **O Erotismo**. Trad. Fernando Sheibe. Belo Horizonte, Ed. Autêntica. 2013.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro, F.Alves:1988.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo. Ed. 34.1997.
- DERRIDA, Jacques. **Otobiografias**. La enseñanza de Nietzsche y la política del nombre próprio. Buenos Aires. Amorrortu. 2009.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas vol. 14**. História de uma neurose infantil. (“O homem dos lobos”). Além do princípio de prazer e outros textos (1917-1920). Trad. Paulo César de Souza. Editora Schwarcz. Companhia das Letras. 2010
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar:1985

MAN, Paul de. **Autobiografia como Des-figuração**. Trad. Joca Wolff. Sopro 78. Florianópolis. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. 2001.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. Mário da Silva.-15 ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2006.